

SE O TEMPO fosse uma fortaleza, nós podíamos contornar as suas muralhas com os nossos cantos, como Josué diante de Jericó. Mas «o nada vivo em que estamos» não se deixa subornar pelo imaginário. É ele que lhe dá origem. A esse título, a poesia de Pessoa, impotente como todas as outras para resolver ou mesmo para enunciar o mistério do tempo, recebe dele a sua luminosa estranheza, pois não vive senão do conforto radical com uma temporalidade que pode ser vivida, mas nunca verdadeiramente compreendida.

Apesar da sua obsessão pela realidade misteriosa do tempo, a poesia de Pessoa deve a sua originalidade mais profunda e os seus sortilégios a uma paradoxal centralização do tempo. Nem o tempo nem a morte são objecto da verdadeira experiência. É do sentimento original da sua irrealidade que toda a poesia de Pessoa recebe o seu impulso. O poema nasce como manifestação, ao mesmo tempo sensível e intelectual, de uma ausência radical de sentido para o que nós chamamos comumente o Tempo e a Morte.

O neófito e a morte

O iniciado, segundo Pessoa, o neófito dos seus poemas temáticos, é aquele que sabe, com o máximo de clareza, que a morte não existe:

Não dormes sob os ciprestes
Pois não há sons no mundo

O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo
Vem a noite, que é a morte,
E a sombra acabou sem ser,
Vais na noite só recomeçar
Igual a ti sem querer

A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte
Mas estás morto entre ciprestes

Neófito não há morte.

Sob a versão temática brilha uma antiga ideia neoplatónica ou até platónica. Naturalmente «divina», a alma é naturalmente inútil. Imortal, quer dizer, fora do Tempo. Tempo e Espaço são as formas originais da Queda da alma no corpo. Ambos são o próprio Corpo como incapaz de se pensar como alma, como manifestação primeira da Unidade, a única realidade digna desse nome, mesmo se nós só a podemos pensar e imaginar sob um modo da pura Ausência. Na época em que Fernando Pessoa exprimia a sua visão e o seu sentimento do mundo sob a roupagem do simbolismo mais delicado, esta Queda podia ser evocada através de um véu de bruma e de metáfora simultaneamente delíquescas e plenas de estranha beleza:

Meu pensamento é um rio subterrâneo
Para que terras vai e donde vem?
Não sei... Na noite em que o meu ser o tem

Emerge dele um ruído subitâneo.

De virgens no Mistério extraviadas
De eu compreendê-las... misteriosas fontes
habitando a distância de ermos e montes
Onde os momentos são a Deus chegados...

De vez em quando luz em minha mágoa,
Como um farol num mar desconhecido,
Num movimento de correr, perdido
Em mim, um pálido soluço de água...

E a ideia de uma Pátria anterior
À forma consciente do meu ser,
Dói-me no que desejo e vem bater
Como uma onda de encontro à minha dor.

Escuto-o... Ao longe, no meu vago tacto
Da minha alma, perdido sou incerto,
Como um eterno rio indescoberto,
Mais que a ideia de rio certo e abstracto...

E para onde é que ele vai, que se extravia

Apesar da sua obsessão
pela realidade misteriosa
do tempo, a poesia
de Pessoa deve a sua
originalidade mais
profunda e os seus
sortilégios a uma
paradoxal centralização
do tempo. E o poema nasce
como manifestação de uma
ausência radical de
sentido para o que
chamamos o Tempo e a Morte



ensaio

Pessoa e o tempo

Eduardo Lourenço

Do meu ouvi-lo? A que cavernas desce?
Em que frios de Assombro é que
arrefeceu?
De que névoas soturnas se anuvia?

Não sei... Eu perco-o... E outra vez
regressa
A luz e a cor do mundo claro e actual,
E na interior distância do meu Real,
Como se a alma acabasse, o rio cessa...

Cais platónico

No único país real que ele habitou, o do Sonho, nenhum rio correu jamais, mas por

isso mesmo não há na sua poesia mais obsessiva imagem que a do rio que corre como se não corresse. Muito jovem, Pessoa apreendeu o vazio intrínseco, a monotonia insuportável do Tempo: «Tão sempre a mesma, a Hora!»

Num outro poema, essa Hora, resumo e símbolo de todas as luas, descrita aqui como «Hora expulsa de si, Tempo», Hora simbolista, e apenas tempo já passado, Hora absurda: «A Hora sabe a ter sido...»

É apenas na sua aparência, na sua exterioridade, que a realidade temporal aparenta a tonalidade heracliteana de um rio que corre sem cessar, ou antes, que é puro escoamento sem «ser»; sob a máscara de Al-

A negação do tempo é sobretudo a do Pessoa ortónimo



varo de Campos, anjo caído no mundo e (aparentemente) solidário desse mundo, dará uma voz a essa temporalidade inapreensível. Mas na sua verdade mais funda, a temporalidade é uma mera ilusão e a caminhada irreversível que parece criar o caminho é sempre um regresso a essa Pátria anterior, e esse Cais platónico de onde todos partimos, evocado na Ode Marítima. Individual ou colectiva, a viagem revela sempre como desdobramento imaginário do tempo humano, simulacro cujo sentido só se manifesta às avessas, enquanto involução ou pesadelo, como de D. Sebastião na Mensagem...

Que importa o areal e a morte e a desventura

Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

Poder-se-á dizer que esta negação do tempo é sobretudo a do Fernando Pessoa ortónimo, quer dizer da sua poesia essencialmente simbólica ou mítica, quer se trate dos poemas «Além Deus» ou «Passos de Luz» que revelam do ocultismo, quer dos da pseudo-epopeia Mensagem, não menos ocultista. Com efeito, é nos poemas de Pessoa ele mesmo que esse sentimento da Queda no tempo encontra a sua expressão maior explícita, quer como tomada de consciência de uma infelicidade contingente, provisória, quer como infelicidade ontológica, irremediável. A maneira de Antero de Quental, o poeta dos Passos da Cruz alterna estas duas perspectivas em poemas muito conhecidos, como o poema VI dessa série, aquele que abre assim:

Venho de longe e trago no perfil
Em forma nevoenta e afastada
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu actual recorde humano e vil

Ou aquele que começa por:

Emissário de um rei desconhecido
Eu cumprio informes instruções de além
E as bruscas frases que a meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anómalo sentido.

E termina:

Não sei se existe o Rei que me mandou,
Minha missão será eu a esquecer.
Meu orgulho o deserto em que em mim
estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

Sentimento agudo do tempo

Na realidade, sob esta forma mítica, a neutralização ou escamoteação do Tempo manifesta «a contrario» um sentimento agudo desse mesmo Tempo. Se o ser encarnado, o Poeta, se entrevê como simulacro, como esboço da sua realidade oculta, aquém do tempo, não deixa de sentir, de uma maneira mais conforme à glosa lírica da temporalidade vivida como nostalgia de si mesmo, ou busca dilacerante de ser, a ausência da substância, a irrealidade de uma existência emersa, por assim dizer, confundida com a «passagem das horas», a inconsistência dolorosa do que passa, do puro devir. Esta «velha música» que ressoa na poesia do poeta ortónimo, poesia sem aparente ambição metafórica, quase popular na sua inspiração é aquela onde se inscreve o sentimento de uma temporalidade simultaneamente real e vã, porque desdobrada, como no célebre pequeno poema em que Pessoa evoca «os sinos da minha aldeia»:

E é tão lento o teu soar
Tão como triste da vida,
que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Todos conhecemos a melancolia romântica característica da vivência da temporalidade como realidade evanescente. Aqui nós temos, por assim dizer, uma melancolia em segundo grau, de que só a ideia do sonho de um mundo-outro, soterrado, mas presente pela sua própria ausência, nos pode curar. Esta melancolia, eco de uma temporalidade fictícia, que dá corpo à glosa constante do tédio, em Pessoa, pode, todavia, ser também fonte de uma felicidade, não menos fictícia,

EXPRESSO, SÁBADO, 4-JUNHO-1988

na medida em que o momento vivido sobrevive misteriosamente à sua própria evanescência:

Momento imperceptível,
Que coisa foste, que há
Já em mim qualquer coisa
Que nunca passará?

Sei que passados anos,
O que isto é lembrarei,
Sem saber já o que era,
Que até já o não sei.

Mas, nada só que fosse,
Fica dele um ficar
Que será suave ainda
Quando eu o não lembrar...

A morte da Morte

O tempo como pura evanescência encontra na peça de teatro *O Marinheiro* a sua expressão inultrapassável. Na verdade nem se trata aí de uma temporalidade própria da ordem da Queda da alma no corpo, como a que serve de trama e tema ao seu lirismo, mas de uma espécie de tempo morto que é, naturalmente, tempo da Morte. A morte da Morte que preside na sua mudez à conversa infinita e recorrente das veladoras. Nesse drama — que, como se sabe, Pessoa descreveu como *estático* — não se passa nada. Entre a vida e a morte, mais mortas do que vivas, três irmãs relembram, ou fazem que relembram, uma circularidade obsessiva, um puro Sonho — o de um *Marinheiro* que só existe para justificar esse sonho. Elas evocam indistintamente o seu passado, o seu presente, o seu futuro, sem atribuir a nenhuma destas três faces do denominado — o Tempo — mais credibilidade que ao Sonho que as faz existir porque elas falam.

Tudo isto podia ser o cúmulo do artifício e da preciosidade simbolistas — e em boa verdade o é —, mas esta temporalidade do Sonho, como um perfume tenaz, insinua-se nessa vaga maré das palavras, com a pungente nostalgia da Realidade. Pessoa, o Sonhador, tal como se define no *Livro do Desassossego*, mas também «o visual», recorta as coisas do mundo numa luz irreal e, de súbito, o mundo conhecido toma as cores do desconhecido, e o próprio tempo morto anima-se e nós entrevemos, para além do espelho do sonho, a incandescência pura da Vida: «Ao princípio ele criou as paisagens; depois criou as cidades; criou depois as ruas e as travessas, uma a uma, cinzelando-as na matéria da sua alma — uma a uma as ruas, bairro a bairro, até às muralhas do cais onde ele criou depois os portos... Uma a uma as ruas, e a gente que as percorria e que olhava sobre elas das janelas... Passou a conhecer certa gente, como quem a reconhece apenas... Ia-lhes conhecendo as vidas passadas e as conversas, e tudo isto era apenas como quem sonha apenas paisagens e as vai vendo... Depois viajava, recordando, através do país que criara... E assim foi construindo o seu passado... Breve tinha uma outra vida anterior... Tinha já nessa nova pátria, um lugar onde nascera, os lugares onde passara a juventude, os portos onde embarcar... Já tendo tido os companheiros da infância e depois os amigos e os inimigos da sua idade senil... Tudo era diferente de como ele o tivera — nem o país nem a gente nem o seu passado próprio se pareciam com o que haviam sido... Exigir que continue?...». Poucas passagens da obra de Pessoa comunicam como estas de *O Marinheiro*, a sua visão do Real como Irreal e de Irreal como Real, inextricavelmente soldados um ao outro. Era preciso não ter pátria, como todos a temos, para inventar uma outra de puro sonho para nem nela ter aquela que não terá jamais senão na nostalgia com que aqui a sonha. Esta passagem de *O Marinheiro* basta para mostrar que, mesmo na esfera do tempo irreal que se manifesta unicamente por uma repetição interminável da veleidade de falar para ser, a sombra da Queda, que é «o corpo» próprio da temporalidade, está sempre presente. No sonho do real atribuído ao *Marinheiro* (ele mesmo sonhado), a realidade sonhada desdobra-se sem cessar, torna-se outra, apenas entrevista ou nomeada.

Do vazio à plenitude

A autêntica experiência da temporalidade, a vivência do Tempo com qualquer coisa ir-



No único país real que ele habitou, o do Sonho, nenhum rio correu jamais

reversível, apesar do sentimento da sua irrealidade original, só serão assumidos por Pessoa, em termos mais comuns, através dos seus duplos Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, e da comédia-drama de que são a manifestação. Com efeito, só a Heteronímia, jogo do desdobramento fictício do si, comporta um conjunto positivo com a realidade paradoxal do Tempo tal como S. Agostinho a descreveu de uma vez para sempre no *Livro X das Confissões*. Com os três heterónimos, aquilo que na sua linguagem Heidegger chama existências temporais recebe uma expressão poética própria. Os poemas dos três duplos de Pessoa não glossam a pura irrealidade do Tempo ou a sua evanescência; como é o caso da temporalidade mítica (a da *Mensagem* ou da poesia hermética) ou da temporalidade irreal (a do Pessoa ortónimo ou do *Marinheiro*). Os três avatares mais célebres de Pessoa representam a sua tentativa desesperada para se encontrar, baixar à Terra, penetrar na realidade, lutar com ela corpo a corpo. Em suma, a sua máxima tentativa para conferir um sentido a esse mesmo Tempo, apreendido agora pelo poeta simbolista que no fundo, nunca deixou de ser, sob o modo da ficção heteronímica.

Pedir ao Tempo, romanticamente, como Lamartine, que ele «suspenda o seu uso» era um acto impossível ou irrisório na óptica de Pessoa. Se nós pudéssemos interpretá-lo assim, isso significaria que o podíamos converter em objecto, que não podíamos ficar imunes à ausência de nós mesmos, de que o Tempo é o signo equívoco. Tudo o que nós podemos fazer, sob o modo da ficção verdadeira que é o da invenção poética deliberadamente mítica, é tentar dar uma figura ao vazio ou ao excesso de plenitude através dos quais a temporalidade se deixa aflorar ou nos aflora. Para um Tempo que, magicamente, se concentrasse num «ponto infinito» (a sensação, cada sensação e todas as sensações, como a matéria do universo, se podem concentrar num dedal da densidade infinita), Pessoa imaginou-se Alberto Caeiro, pastor do ser reduzido à expressão menos pensada da realidade: flor, árvore, rio, cor, contacto nosso, ao mesmo tempo imediato e irreal com um Todo como pura exterioridade:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sento triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,

Sei a verdade e sou feliz.

A voz do que Pessoa recusa, o inverso desta pobre euforia, ressoa na própria denegação de que o poema vive, mas ele não descobriu estratégia mais eficaz para fixar o Tempo, crer ou fingir que crê na sua «realidade» do que conceber o universo como um conjunto de sensações fechadas sobre si mesmas, «verdadeiras», fonte de verdade e felicidade para aquele que vive na sua órbita, extasiado, como os anjos no meio do Paraíso. Este anjo do Tempo-sensação, ou apenas este novo Adão sem queda, é precisamente Alberto Caeiro. Através dele Pessoa oferece-se a ilusão de escapar ao tempo, recusando separá-lo do gozo puro da sensação. Não foi por acaso se, depois de ter realizado, como uma criação, essa operação de magia de estar no tempo sem o sentir como tempo, o que só a contemplação da Natureza nos permite, Pessoa descobre o anjo do tempo atrás da porta, o Álvaro de Campos. E nele e através dele a temporalidade esboracada, fragmentada em múltiplas sensações, percepções, movimentos, actos e actividades humanas contraditórios e inumeráveis, cada um exigindo a cada instante um eu diferente para ser apreendido. O que em Alberto Caeiro era tempo condensado, convertido à força em simulacro ou sucedâneo verosímil da eternidade, torna-se, em Álvaro de Campos, tempo fragmentado, duração sem nenhum laço interno, simples sucessão de fulgurações ou fosforescências da aparência, ruídos do nada e regressando sem cessar ao nada. Mas a realidade deste «nada» é como um fogo negro no qual o ser e a ideia de ser se consomem, e cuja queimadura nos atinge no cerne do que somos. É esta temporalidade apreendida como angústia e escoamento inexorável da nossa pouca realidade que sugere a Pessoa-Álvaro de Campos a mais profunda e mais dolorosa das suas metáforas do Tempo: «nada vivo em que estamos».

Para dar forma a esta visão de uma temporalidade enquanto não-ser oculto no coração do ser, fonte de angústia pura ou tédio absoluto, Pessoa-Álvaro de Campos escreveu alguns dos mais dilacerantes poemas da nossa literatura e mesmo do nosso século como a «*Ode Marítima*», a «*Lisboa Revisitada*» e a «*Tabacaria*». À luz de um Tempo que nem perdido pode ser, pois jamais consente que o façamos nosso, Pessoa descreve-se (e descreve-nos) como

Uma sombra que desliza entre as
sombrias e brilha
Um momento de uma claridade fúnebre
desconhecida
E entra na noite como o sulco de um
barco que se perde
Na água e nós deixamos de ouvir...

Indiferença estóica

Entre o tempo falsamente eterno do pastor Caeiro e o tempo rotineiro de Álvaro de Campos, frequentador, como Conrad, do «coração das trevas», existe o tempo intemporal, o tempo de pura ficção horaciana das

Odes de Ricardo Reis. E um tempo de paz — de uma certa paz dos cemitérios, é verdade — da paz da indiferença estóica ao aguilhão da temporalidade, mas também do prazer um pouco epicurista da dor melancólica do devir:

Vem sentar-te comigo Lúcia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos)

Depois pensemos, crianças, adultos, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa.
Vai para um mar muito longe, para o pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos com o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada.

Pagãos inocentes da decadência.

Assim como um dos seus fantasmas, o «Mostrengo» da *Mensagem*, Fernando Pessoa cumpriu as três voltas rituais para exorcizar o que ele mesmo chamou «o enigma visível do tempo». O enigma permaneceu indecifrado e melhor do que ninguém, ele sabia, à partida, que o que ele esconde é da ordem do indecifrável. Mas destes três exorcismos nasceram Alberto Caeiro, Campos, Reis, três metáforas vivas da temporalidade, três maneiras de fingir, sublimemente, que o enigma podia ser resolvido.

Poeticamente o foi na medida em que cada um dos poetas-poemas ou dos poemas-poetas, nos mostra — mas desta vez numa espécie de luz sensível e cegante — até que ponto o Tempo e o Espaço não pertencem, para o homem do sonho Fernando Pessoa, ao domínio do verdadeiro Real. Este último, no seu mistério irreduzível, releva da ordem do Oculto, diante do qual todas as nossas palavras, mesmo as mais carregadas de luz, são como ele dizia, «esgares». Aqueles que estão no Tempo — a todos nós — os deuses concederam apenas viver o momento tremulamente sobre águas eternas como está escrito no poema claro e iniciático da «*Ode Marítima*».

No nosso século, poucos poetas terão deslizado sobre essas «águas eternas» de que o Tempo e o Espaço são puro exílio, com tanta melancolia e esplendor como Fernando Pessoa.